

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO

11

**AS SOCIEDADES
TEOSÓFICAS**

**PUBLICAÇÃO DO SECRETARIADO
NACIONAL DE DEFESA DA FÉ**

100

100

100

100

AS SOCIEDADES TEOSÓFICAS



VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 11

FREI BOAVENTURA, O. F. M.

As Sociedades Teosóficas

PUBLICAÇÃO DO
SECRETARIADO NACIONAL DE DEFESA DA FÉ
EDITORA VOZES LIMITADA
1959

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 2-III-1959.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

AS SOCIEDADES TEOSÓFICAS

Existem atualmente, no Brasil, duas Sociedades Teosóficas distintas e mesmo hostis entre si: a *Sociedade Teosófica Brasileira*, fundada pelo Sr. Henrique José de Sousa, com sede central em São Lourenço, M. G., e dez filiais ou "Ramas" em outros Estados; e a *Sociedade Teosófica no Brasil*, com sede central em São Paulo e 33 filiais ou "Lojas" pelos Estados; esta última é a Secção Nacional da *Sociedade Teosófica Mundial*, com sede central em Adyar, perto de Madras, na Índia, e 48 Secções Nacionais, distribuídas por outros tantos países do mundo inteiro.

I. A Sociedade Teosófica Mundial

Esta Sociedade foi fundada em Nova York no ano de 1875 por Helena Petrovna Blavatsky, em colaboração com Henry Olcott.

O vocábulo "teosofia" (de *theós* = deus, *sophia* = sabedoria) já estava em uso antes de ser açambarcado pela atual Sociedade Teosófica. Todos os pensadores que procuravam obter um conhecimento de Deus mediante uma espécie de visão ou intuição eram classificados como teósofos. "Teosofia" era também um denominador comum para doutrinas distintas, mas em torno das quais se mantinha um certo segredo ou mistério. Portanto o aspecto "esotérico" era seu elemento formal. Eram geralmente doutrinas de inspiração religiosa ou mística, mas com um fundo mais ou menos cristão. Tais eram as "teosofias" de Jakob Boehme, Franz Baader, Gichtel, William Law, Jane Lead, Swedenborg, etc. Mas todo esse teosofismo ocidental é anterior e sem nenhu-

ma relação de paternidade com as teosofias com que nos preocuparemos adiante. Veremos mesmo que a denominação ("teosófica") foi inteiramente acidental na Sociedade fundada por Blavatsky.

1) Origem da Sociedade Teosófica

Helena Petrovna Hahn nasceu em Ekaterinoslaw (Rússia), no ano de 1831, de família nobre. Aos 16 anos casou-se com o general russo Nicéforo Blavatsky. Mas já no ano seguinte, em 1848, abandonou o marido e foi iniciar uma vida de agitadas aventuras. Passou pela Ásia Menor, em companhia de Paulo Metamon, mago e prestidigitador. Em 1851 encontram-na em Londres, onde frequenta sessões espíritas com o famoso médium Daniel Douglas Home. Cinco anos depois increve-se na associação carbonária de Mazzini, a "Jovem Europa". Alguns autores, principalmente os teosofistas, dizem que por este tempo ela foi estudar no Tibet. Mas o conhecido orientalista René Guénon, *Le Théosophisme* (citamos a edição aumentada, de 1928), prova com documentos absolutamente convincentes que Helena não esteve no Tibet ou na Índia antes de 1878. Em 1858 ela volta à Rússia, onde permanece até 1863. Pouco depois aparece na Itália. Em 1863 encontram-na combatendo ao lado de Garibaldi. E' gravemente ferida em Mentana. Reconvesce em Paris, onde sofre a influência de Vítor Michal, espírita, magnetizador, maçom e amigo de Denizard Rivail (Allan Kardec!), que também é maçom. Aí desenvolveu suas faculdades mediúnicas e chegou mesmo a entrar no círculo de Allan Kardec, onde foi colhêr suas idéias reencarnacionistas. De 1870-1872 ela atua como conhecida médium em Cairo, no Egito. Aí reencontra Paulo Metamon e com êle e outros funda o "clube dos milagres", que é depois fechado por causa das fraudes

desmascaradas. Parte então para os Estados Unidos. No ano seguinte, em 1874, conhece o jornalista Henry Steele Olcott (nascido em 1832), também espírita e maçom. Por esta mesma época trava também relações com George H. Felt, membro da forte sociedade secreta “H. B. of L.” (Hermetic Brotherhood of Luxor), sociedade que se opunha à interpretação espírita dos fenômenos “espiritualistas”. No dia 20 de outubro de 1875 é então fundada, em Nova York, uma sociedade “para investigações espiritualistas”, sob a presidência de Olcott, a vice-presidência de Felt, sendo Blavatsky secretária. Também William Q. Judge (de destacada importância na futura sociedade) e Charles Sotheran (um dos chefes da Maçonaria Americana) faziam parte deste grupo inicial. Albert Pike, então Grão Mestre do Rito Escocês, conhecido mas pouco original doutrinador maçom, interessou-se pela incipiente sociedade. No dia 17 de novembro de 1875, por proposta do milionário espírita Henry J. Newton, não se sabe bem por que, o grupo passou a tomar a denominação de *Sociedade Teosófica*. Portanto, o nome surgiu de modo inteiramente accidental. Felt, que queria uma “Sociedade Egípciológica”, abandonou a companhia de Helena. Interessante e muito significativa é a primeira declaração de princípios da Sociedade Teosófica:

“O título da Sociedade Teosófica explica os objetivos e os desejos de seus fundadores: eles procuram conseguir o conhecimento da natureza e dos atributos do Poder supremo e dos espíritos mais elevados, por meio de processos físicos. Em outras palavras, esperam que, penetrando mais nas filosofias dos tempos antigos, serão capazes de atingir por si mesmos e por outros investigadores a prova da existência de um mundo invisível, da natureza de seus habitantes, se é que existem, das leis que os governam e suas relações com o gênero humano”. — Portanto, um programa bastante espírita e, aliás, parecido com as sociedades eso-

téricas, rosacrucianas e “místicas” que então surgiam em grande abundância.

Em companhia do “coronel” Olcott dirige-se em 1878 à Índia, onde mora nos primeiros anos em Bombay. Em 1882 passa para Adyar, perto de Madras, onde fixa definitivamente a sede principal da Sociedade, e onde ainda está hoje. Três anos depois ela é novamente denunciada em Nova York pelo Prof. Kiddle e, ainda em 1885, pela Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, como “uma das mais perfeitas, ingeniosas e interessantes impostoras”.

E' bastante importante a investigação feita pela Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres. Oficialmente delegado para fazer uma investigação rigorosa da natureza dos “fenômenos” produzidos por Helena Blavatsky na distante Índia, o Dr. Richard Hodgson foi até Adyar, onde chegou em novembro de 1884. Fêz um minucioso estudo até abril de 1885. E o resultado foi um longo relatório, no qual expôs detalhadamente os truques usados pela senhora Blavatsky e conclui “que ela não é uma aventureira vulgar, mas que ela conquistou seu lugar na história como uma das mais perfeitas, das mais ingeniosas e das mais interessantes impostoras, cujo nome merece passar à posteridade”. Tiramos êstes dados da obra citada de René Guénon, que leu o relatório no *Proceedings of the Society for Psychical Research*, dezembro de 1885. A mencionada Sociedade de Londres examinou o relatório de Hodgson e declara Blavatsky “culpável de uma combinação longamente continuada com outras pessoas, com o fim de produzir, por meios ordinários, uma série de maravilhas aparentes para sustentar assim o movimento teosófico”. — Tratava-se principalmente de esclarecer a misteriosa origem das cartas dos “Mahatmas”, dos quais Blavatsky afirmara ter recebido seus ensinamentos.

Neste mesmo ano de 1885 Blavatsky volta à Europa, onde escreveu sua indigesta e incompreensível *Doutrina Secreta*. Em 1887 funda em Londres a revista “Lúcifer”. Afinal, em 1891, morre em Londres. Olcott assumiu então a direção da Sociedade, até 1907, quando morreu. Seguiu-lhe a senhora Annie Besant,

que inaugurou uma nova época para a Sociedade Teosófica.

Annie Wood nasceu em 1847, em Londres, e foi educada na seita presbiteriana. Muito nova ainda, casou com o pastor protestante Frank B e s a n t, com o qual teve dois filhos. Mas abandonou bastante depressa o marido. Pregou depois o materialismo e o malthusianismo. Os tribunais ingleses qualificaram suas conferências como “próprias para perverter e depravar a moral pública”. Em Bruxelas, em 1880, chegou a declarar que era necessário “combater sobretudo Roma e seus sacerdotes, lutar contra o Cristianismo e arrancar a Deus do céu”. Mas Blavatsky conquistou-a para a Teosofia. Quando, em 1907, tomou a presidência, resolveu iniciar uma intensa campanha messiânica, pretendendo apresentar ao mundo um Novo Redentor. Ajudou-lhe nisso um hábil ocultista: o Sr. C. W. L e a d b e a t e r. Em 1908 iniciaram na teosofia um jovem hindu, *Krishnamurti*, de 13 anos de idade e que foi apresentado como o esperado Messias. Teria passado por 32 encarnações, gastando para isso 72.000 anos... Estas fantasias foram a causa das principais cisões entre os teósofos. A secção alemã, por exemplo, dirigida por R. Steiner, separou-se e fundou a “Antroposofia”. Também o grupo francês, dirigido por Eduardo Schuré e Eugênio Levy, formou uma associação independente. No mesmo tempo alguns teósofos norte-americanos criavam uma “Liga de Reforma Teosófica”, com o intuito de restaurar o ideal primitivo. Este foi também o principal motivo alegado entre nós, para justificar a fundação duma “Sociedade Teosófica Brasileira”, completamente independente de Adyar, mas nem por isso menos fantástica, como se verá adiante.

Jiddu Krishnamurti nasceu em Madranapalle, Madras (Índia), em 1897. Seu nome de família é Jiddu. Depois recebeu o nome iniciático de Alcyone ou Alcione. Outra vez aparece também como Krishnaji. É filho de Narayaniah, teosofista convicto, que se empregou no quartel geral da Sociedade em Adyar. Annie Besant e C. W. Leadbeater resolveram dar a Krishnamurti e a seu irmão mais novo Nityananda uma educação especial. Já em 1910, quando o rapaz tinha apenas 13 anos, foi proclamado por Besant o "novo messias" e Instrutor do Mundo. Leadbeater e Besant publicaram então a fantástica biografia de Krishnamurti: apareceu no mundo pela primeira vez há 72.000 anos; no ano de 12.800 antes de Cristo era mulher e casou em segundas núpcias com Júlio César; em 18.875 antes de Cristo Annie Besant, que então era homem, era irmão menor de Krishnamurti, etc... Resolveram divulgar também a "pré-história lunar" do jovem hindu: numa cabana vivia um homem "lunar", com sua mulher e seus filhos; ao redor deles dança um bando de macacos, "tão fiéis como se fossem cães"; "no meio desses macacos reconhecemos os futuros Leadbeater, Besant, Krishnamurti e Mizar" (o irmão Nityananda)... Em 1911 Besant tomou os rapazes consigo e os levou para a Europa e passou a anunciar publicamente a grandeza espiritual latente em Krishnamurti. Milhares de teosofistas aceitaram sua proclamação e se reuniram em uma corporação denominada "Ordem da Estrela do Oriente", a fim de prepararem o caminho do novo Instrutor do Mundo. A "Ordem da Estrela", com sede em Ommen, na Holanda, se desdobrou em numerosas seções nacionais e teve sua seção também aqui no Brasil, tendo à frente o Sr. Aleixo Sousa, até hoje destacado membro da Sociedade Teosófica no Brasil. Com a finalidade de difundir entre nós as idéias do novo Instrutor, foi fundada também, no Rio de Janeiro, a "Instituição Cultural Krishnamurti", que continua ativa até hoje. Em suas instruções Krishnamurti costuma falar com rude franqueza. Repete que veio para libertar o homem "de todas as gaiolas, de todos os temores, de todas as muletas, de todas as religiões e seitas e de todos os deuses". O homem, ele mesmo, é o deus único e não existe outro deus. Nada de religião, nada de igrejas e seitas, nada de cultos e preces, nada de imagens e cerimônias: tudo isso é supérfluo e andar atrás destas coisas é criancice e tempo perdido. Negação e libertação da idéia religiosa, sobretudo da reli-

gião organizada, eis a tese central em torno da qual giram as instruções do novo messias. Por isso mesmo dissolveu êle em 1929 a Ordem da Estrêla, pois a verdade, dizia êle, não pode estar contida em uma organização, qualquer que seja: "Os poucos que forem fortes não necessitam de uma instituição, porém os muitos que forem fracos formarão uma seita, uma religião, um culto tirado da Ordem; é meu desígnio destruir tôdas as muletas, antigas e modernas e tornar os homens livres". E depois gritou aos que o estavam escutando no acampamento de Ommen: "Para que ter gente falsa e hipócrita seguindo-me, a mim, que sou a corporificação da Verdade?" Assim, dissolvida a Ordem como tal, continuou, entretanto, a organização de propaganda e difusão das agressivas palestras de Krishnamurti. Em 1935 falou aqui no Brasil, decepcionando não pouco os nossos teósofos. Desligou-se oficialmente da Sociedade Teosófica, para ser mais desimpedido e tornar mais livres os homens...

2) Esboço dos Principais Ensinamentos da Teosofia

O resumo da doutrina teosófica que vamos apresentar não foi feito por nós. Seu Autor é um destacado membro da Sociedade Teosófica no Brasil, o Sr. Aleixo Alves de Sousa, que publicou em 1949 um *Catecismo Teosófico*, em forma de perguntas e respostas. Faremos disso um resumo denso, em forma direta. Se com sua leitura o leitor ficar tonto, atribua então o estonteamento à sublimidade da doutrina...

A Teosofia admite um Princípio Uno, ou Deus, que se desdobra em três Aspectos (que são o Pai, o Filho e o Espírito Santo da Mensagem Cristã). Do Terceiro Aspecto (o Espírito Santo) emanou a Primeira Onda de Vida, que organizou a matéria dos sete planos da Natureza e que são: o Físico, no qual vivemos; o Astral ou Emocional, para onde vai a alma logo depois da morte; ou Mental ou Devachan, habitado pelas almas antes de reencarnar (é o nosso céu); ou Búdico; o Átmico ou Nirvânico; o Monádico ou

Paranirvânico; o Adi ou Mahaparanirvânico. A evolução humana se processa nos três primeiros planos (Físico, Astral e Mental, que são os mais densos); os outros quatro são os mundos da Evolução Superhumana ou Divina, para onde chegaremos a seu tempo. Estes sete planos, cada vez menos densos, ocupam o mesmo lugar e se interpenetram, em virtude de suas diferenças de densidade. Cada um destes Planos é subdividido em sete Subplanos. Assim o Plano Físico está subdividido nos seguintes Subplanos: o sólido, líquido, gasoso, etérico, superetérico, subatômico e atômico. Ao todo coexistem, pois, 49 Subplanos. — Do Segundo Aspecto do Princípio Uno (o Filho) emanou a Segunda Onda de Vida que dá as Formas à Matéria e infunde-lhe vida. Surgem assim sete Reinos da Natureza: o Primeiro Reino Elemental, no Plano Mental Superior; o Segundo Reino Elemental, no Plano Mental Inferior; o Terceiro Reino Elemental, no Plano Astral; o Reino Mineral, o Vegetal, o Animal e o Humano, todos no Plano Físico. — Do Primeiro Aspecto (o Pai) emanou a Terceira (e última) Onda de Vida, que dá a autoconsciência aos seres humanos.

Como no Princípio Uno, também no homem há 3 Aspectos: o Angoeidas ou o corpo irradiante ou um ovóide resplandecente (corresponde ao Terceiro Aspecto); o princípio Búdico ou Crístico, ainda por desenvolver na maioria (corresponde ao Segundo Aspecto); e o Atma ou a Vontade espiritual (corresponde ao Primeiro Aspecto). O homem tem um corpo constituído da matéria de cada um dos sete planos e os vai abandonando na medida em que passar de plano para plano. Nisso consiste a evolução. E isso se faz por meio das sucessivas reencarnações. Depois de passar pela fase animal, o homem iniciou a

sua evolução em estado selvagem, passou depois para o estado civilizado, torna-se então idealista e acaba um Iniciado. Até lá, entretanto, terá passado por centenas de encarnações. Depois de Iniciado passa para o Reino Super-humano e se transforma em Ser Perfeito, ou Adepto, ou Salvador do Mundo. Por vezes tais Adeptos (ou Mahatmas!) descem ao Plano Físico para ajudar os homens. Foi o caso de Confúcio, Buda, Krishna, Jesus Cristo, etc. Eles constituem a Grande Fraternidade Branca e o Governo Oculto do Mundo. Mas também entre eles há uma Hierarquia: o Chefe ou o Rei do Mundo, que é assistido por quatro Budas ou Sábios Iluminados (um deles é Gautama, o Grande Iluminado do Oriente). Seguem depois na Hierarquia os três Grandes Senhores ou Chohans: o Manu ou o Fundador das Raças, o Bodisattava ou o Instrutor do Mundo, e o Maha-Chohan ou o Chefe do Sistema Cultural. Depois vêm os Sete Senhores ou Chohans dos sete Raios; e, afinal, uma série de Adeptos e Discípulos de vários graus. Mas — note-se bem! — tudo isso não no Plano Físico: a Grande Fraternidade Branca pertence aos outros Planos.

Devemos distinguir também, na evolução da Humanidade, sete Raças: a Primeira e a Segunda foram etéreas e desenvolveram-se durante o período de ignição da terra; nesse período não possuíamos mente e éramos assexuais. A Terceira Raça é a Lemuriana, que a humanidade viveu num continente denominado Lemúria, cujos restos são a Austrália e algumas ilhas circunjacentes; foi a princípio bissexual, separando-se depois os sexos; nesse tempo começou a desenvolver-se também a inteligência. A Raça Atlante é a Quarta, que povoava a Atlântida, hoje afundada nos mares; nesse período continuou a evolução da mente.

Agora vivemos a Quinta Raça. A Sexta habitará um continente que está em esbôço de formação para os lados da Costa ocidental do Pacífico, próximo à Califórnia. E' preciso notar que cada Raça se divide em sete Sub-raças. Agora vivemos a Quinta Sub-raça da Quinta Raça.

No fim da Evolução acaba tudo na Suprema Luz Branca primordial.

Omitimos de propósito qualquer comentário, que nos parece totalmente supérfluo. Entretanto, para tirar quaisquer dúvidas da mente do leitor, queremos mais uma vez declarar que esta doutrina, tal qual, apenas em forma de perguntas e respostas, se encontra no mencionado *Catecismo Teosófico* do Sr. A. Alves de Sousa. E' a doutrina de Blavatsky e seus sequazes. O Sr. Perilo Gomes, que já em 1924 publicou entre nós um estudo sob o título *A Theosophia* (Edição do Centro Dom Vital), considerando estas fantasias teosóficas, escreve à p. 156: "Onde iríamos parar se quiséssemos transplantar para estas páginas tôdas as delirantes concepções do ensino teosófico? Pela simples exposição que aí fica é patente que a literatura de Blavatsky e seus comparsas, e ainda das suas vítimas é um caso meramente de psiquiatria, tem de ser incorporado aos anais da história das enfermidades mentais, deve merecer o carinho e a atenção de homens como o professor Juliano Moreira e seu digno auxiliar o Dr. Humberto Gottuzo. E não sei mesmo por que o eminente diretor do Hospício Nacional, de ordinário tão cioso do progresso da sua ciência — menos por vaidade pessoal do que por um louvável sentimento de humanidade — ainda não cedeu algum dos salões do seu vasto palacete da Praia Vermelha para sede da Sociedade Teosófica!"

II. A Sociedade Teosófica no Brasil

A Secção Nacional da Sociedade Teosófica Mundial tem sua sede central em São Paulo, Rua Anita Garibaldi, 29. Seu Presidente é o Sr. Armando Sales, Vice-Presidente a Sra. Cinira Riedel Figueiredo (que é também figura destacada do Círculo Esotéri-

co da Comunhão do Pensamento). Já em 1902 foi fundada uma loja teosófica em Pelotas, R. G. S., mas com vida muito efêmera. Em 1910 organizou-se no Rio de Janeiro a Loja Perseverança. Esta e as outras que lhe seguiram ficaram ligadas à Secção Nacional da Argentina, até 1919, quando foi constituída a Secção do Brasil.

Conta esta Sociedade, hoje, no Brasil, com as seguintes Lojas:

- Loja Albor — Santos, S. P.
- Loja Alcione — Salvador
- Loja Amizade — São Paulo
- Loja Arjuna — São Luís (Maranhão)
- Loja Bhagavad Gôthana — Belo Horizonte
- Loja Corações Unidos — São Paulo
- Loja Cruzeiro do Sul — Cruzeiro, S. P.
- Loja Fraternidade — São Paulo
- Loja Gandhi — Recife
- Loja Giordano Bruno — Sorocaba, S. P.
- Loja Harmonia, São José do Rio Prêto, S. P.
- Loja Henry Olcott — Recife
- Loja Himalaia — Niterói
- Loja Jenoshua' — Pôrto Alegre
- Loja Jesus de Nazaré — Manaus
- Loja Kalakshetra — São Paulo
- Loja Karma Yoga — Bauru, S. P.
- Loja Leadbeater — Cuiabá
- Loja Liberdade — São Paulo
- Loja Loto Branco — Ilha do Governador
- Loja Lumen — Rio de Janeiro
- Loja Orfeu — São Paulo
- Loja Paraná — Curitiba
- Loja Perseverança — Rio de Janeiro
- Loja Pitágoras — Rio de Janeiro
- Loja Raja Yoga — São Paulo
- Loja Rio de Janeiro — Rio de Janeiro
- Loja Rukmini — Visconde do Rio Branco, M. G.
- Loja São Paulo — São Paulo
- Loja Tibet — São Paulo
- Loja União Juventude Teosófica Bandeirante — São Paulo
- Loja Unidade — Fortaleza.

Verificamos assim que a Sociedade Teosófica é particularmente e notavelmente forte no Estado de São Paulo: ao todo 15 Lojas e apenas na Capital Bandeirante temos um total de 10 Lojas Teosóficas, sem contar as "Ramas" da Sociedade Teosófica dissidente, da qual falaremos depois.

Segundo o *Manual Informativo do Membro da Sociedade Teosófica*, esta Sociedade tem os seguintes objetivos:

"1) Formar na Humanidade um núcleo de Fraternidade Universal, sem distinção de raça, credo, sexos, casta ou côr;

"2) estimular o estudo comparativo das religiões, filosofias e ciências;

"3) investigar as leis inexplicadas da Natureza e os poderes latentes no homem".

Objetivos bons, indiscutivelmente, todos os três; apenas não se compreende por que formar para isso uma sociedade especial e por que dar a esta associação o nome de "Teosofia". Pois com ou sem Teosofia, nossas Universidades estudam com muito mais seriedade as religiões, filosofias e ciências; e investigam com menos fantasia as leis ainda desconhecidas da natureza e as forças latentes do homem. E quanto à famosa "fraternidade universal", os teósofos, depois de uma experiência de mais de 80 anos, nada podem apresentar de realmente notável neste campo; pelo contrário: não só criaram mais uma seita a separar os homens, como ainda esta mesma seita se subdividiu, havendo constantes desentendimentos entre eles (basta lembrar as duas "Sociedades Teosóficas" entre nós), aumentando dêste modo a "desunião universal".

O art. 3 dos Estatutos determina: "A Loja é inteiramente alheia a qualquer espírito de seita religiosa

ou filosófica, e de facção política, como de classe social, e procurará estudar imparcialmente as questões atinentes ao homem". E o já citado *Manual Informativo* diz, na p. 66, que a Sociedade Teosófica "nada impõe a seus membros: nem método de vida, nem práticas especiais, nem crenças particulares, mesmo as da própria Teosofia ou comparecimento às sessões de suas Lojas". A crer nestas declarações, reina aí um liberalismo e uma liberdade absolutos. O sócio parece ter apenas um único dever, consignado no art. 15 dos Estatutos: "Todos os sócios contribuirão com uma mensalidade para a Loja e com uma anuidade para a Sociedade Teosófica".

O *Manual Informativo* publica uma Resolução aprovada pelo Conselho Geral da Sociedade Teosófica em 1924 e que leva o liberalismo até o seguinte extremo:

"Visto a Sociedade Teosófica haver-se espalhado urbi et orbi no mundo civilizado e haverem professos de tôdas as religiões se tornado seus membros sem renunciar aos dogmas, ensinamentos ou crenças especiais de suas respectivas crenças, considerou-se ser conveniente ressaltar o fato de que não há nenhuma doutrina nem opinião, ensinada ou professada por quem quer que seja, que de algum modo obrigue qualquer membro da Sociedade, ou que qualquer membro não seja livre de aceitar ou rejeitar. A única condição de filiação à Sociedade Teosófica consiste na aceitação de seus três objetivos [e que lembramos acima]. Nenhum instrutor ou escritor, desde H. P. Blavatsky, tem qualquer autoridade para impor seus ensinamentos ou opiniões aos membros. Todo membro tem igual direito para aderir a qualquer instrutor ou a qualquer escola de pensamento de sua escolha, mas não lhe assiste nenhum direito de forçar sua escolha sobre outro qualquer. Nenhum candidato a qualquer cargo, ou qualquer votante, pode ser tornado inelegível ou impedido de votar, por causa de qualquer opinião que sustente, ou por causa de sua filiação a qualquer escola de pensamento, a que pertença".

E' o modo de falar que encontramos também entre os maçons, entre os espíritas, entre os esoteristas, os

rosacrucianos, etc. E' um expediente para efeitos de propaganda. Querem desta forma abafar eventuais escrúpulos de ordem religiosa. Mas nem por isto esta mesma Sociedade Teosófica deixa de propagar, também no Brasil, as obras e as idéias de Helena Blavatsky, de Leadbeater, de Jinarajadasa, etc., como os espíritas não deixam de difundir as obras de Allan Kardec, como os rosacrucianos não deixam Max Heindel, etc.

O "Manual Informativo do Membro da Sociedade Teosófica", publicado em São Paulo, revela nas pp. 67-69 um interessante *Ritual de uma sessão de cura*, feita em Loja Teosófica. Divide-se a sessão em 5 partes:

1) *Preparação*: Reúnem-se os membros atrás de portas fechadas a chave. Coloca-se o cálice sôbre a mesa, em cima da caixa. Os membros do grupo procuram relaxar o corpo, tranqüilizar a parte emocional, dominar a mente e harmonizar-se mutuamente. Música apropriada. O chefe lê alguma coisa piedosa.

2) *Invocação*: Todos de pé, de mãos dadas, formam um círculo em tôrno do cálice. Segue a oração do chefe. Feita a prece, sentam-se e "por um esforço de intenso desejo e concentração de pensamento, o chefe envolverá o seu grupo numa atmosfera da mais pura e branca luz".

3) *Enunciação*: "Enquanto os membros procuram elevar a sua consciência para o Eu Superior, o chefe lê com certa ênfase os nomes e os pedidos dos que necessitam de auxílio, pausando 5 segundos no intervalo de um nome a outro".

4) *Meditação*: "A meditação será orientada no sentido de libertar a consciência individual de sua identificação com o corpo físico, com as emoções e a mente sucessivamente, procurando sempre a realização de sua identidade com o Eu espiritual. Ao mesmo tempo se buscará perceber a consciência Crística, que flui por todo o grupo, com ela se fundindo".

5) *Bênção*: Os membros, de frente inclinada, olhos cerrados, de pé e com as mãos voltadas para trás, acompanham mentalmente a oração que o chefe recita, suplicando a "Presença Curativa" de Deus. Música apropriada. Todos se retiram em silêncio...

III. A Sociedade Teosófica Brasileira

O Sr. Henrique José de Sousa ("IHS"), delirante fundador da Sociedade Teosófica Brasileira (STB), descreve pessoalmente nos seguintes termos a origem de sua associação: "Espiritualmente a STB nasceu em São Lourenço [M. G.], a 28 de setembro de 1921, segundo já anunciavam as velhas tradições... Só a 10 de agosto de 1924, porém, é que ela toma forma militante, com o nome de "Sociedade Dhâranâ", na Rua Santa Rosa, 426, em Niterói... Mais tarde, a Sociedade tomou o nome de "Sociedade Teosófica Brasileira", porque a Teosofia, tal como H. P. Blavatsky a lançou para o Ocidente, tinha-se corrompido e ia perdendo de vistas uma das suas principais finalidades: provar que tôdas as religiões existentes se originaram de uma doutrina primitiva única..."

Oficialmente a STB se apresenta nos seguintes nebulosos termos:

"A STB é uma Escola Iniciática para todos aquêles que desejarem pertencer à elite precursora da Nova Civilização que fará seu surto nesta parte do Globo, e para a qual foi a mesma criada. Visando em primeiro plano a infância, por ser esta a prodigiosa semente da esperada Era Nova para o mundo, também chamada Era do Aquário, adotou por lema: *Spes messis in semine*, isto é: A esperança da colheita reside na semente. A STB é, portanto, uma Associação completamente independente e autônoma, constituída de livres pensadores, na extensão da palavra, já que o termo Teósofo inclui os de Ecléticos e Sincretistas, por seu espírito de crítica; Harmonistas, por buscarem a Suprema Síntese Filosófica, e chamada Sabedoria Iniciática das Idades, por outro nome, Religião-Sabedoria; Analogistas, por aplicarem a chave hermética de que "o que está em baixo é como o que está em cima"; Teósofos, enfim, por buscarem, para o homem vulgar, a Suprema Ciência da Superação que há de fazer dêle um Super-Homem, um Titã, um Prometeu, um Herói. E isso, para fazer jus à iniciática e expressiva sentença de que "deuses fomos e nos temos esquecido". O

Movimento Cultural-Espiritualista, em que está empenhada a STB, é conhecido por diversos nomes, destacando-se entre eles os de Missão da Sétima Sub-raça, que lhe foi dado pelo próprio Arauto, o insigne sábio e teósofo espanhol Dr. Mário Roso de Luna, que era o número "7" de nossas fileiras, e Missão dos Sete Raios de Luz, outorgado pelo Chefe daquela Missão, procurando, com êle, simbolizar a manifestação de Surya, o Sol Místico, cujo sétimo raio é Sevaraj, com o estado de consciência que lhe é afim — Atmā — sem falar em outras razões de ordem oculta de que sòmente os discípulos mais adiantados de nosso Colégio Iniciático são conhecedores. No entanto, o nome por excelência do nosso Movimento — pela sua expressão de síntese — é Missão Y, por abranger, essa designação simbólica, as duas Américas, do Norte e do Sul, pois o Y representa os dois caminhos: o da direita, ou solar, e o da esquerda ou lunar..."

O leitor não entendeu tudo? E' porque não é um iniciado... O leitor viu muita empáfia nestas pretensiosas palavras? Mas Teosofia é exatamente isso. O Brasil, nesta nova sub-raça que vai começar, será o "Santuário da Iniciação do Gênero Humano a caminho da Sociedade Futura"; e São Lourenço já é o "Centro de Irradiação espiritual para todo o mundo"; e o Sr. Henrique José de Sousa e sua Exma. espôsa Dona Helena Jefferson de Sousa são os "gêmeos espirituais", que "receberam o Bastão de Comando do Movimento das Mãos da própria Divindade".

Naturalmente, como a Sra. Blavatsky se preparou no Tibet para a grande missão de fundar a Sociedade Teosófica, assim o nosso Sr. "IHS" se iniciou "em certos lugares do Oriente". Eis, por exemplo, o que êle mesmo, o Sr. J. H. de Sousa, escreve em sua *Fôlha do Povo*, de 18-11-56, p. 2:

"A nossa Missão, que é justamente a do preparo espiritual das Américas, e em especial, do Brasil, começou, para ser oficialmente conhecida, na estância de São Lourenço, em 28 de setembro de 1921, com a fundação espiritual da Sociedade Teosófica Brasileira, depois de têrmos feito nossa Iniciação — como o fêz o próprio Cristo — em certos lu-

gares do Oriente, com a idade de 15 para 16 anos. Três anos mais tarde, ou seja, em 10 de agosto de 1924, seguiu-se a fundação material, que se deu em Niterói, Estado do Rio, mudando-se depois para o Rio de Janeiro e finalmente para São Lourenço, que é a sede da STB e lugar considerado como a verdadeira "capital espiritual do mundo", onde se acha erguido o nosso Templo como força central, ou 8º, tendo em volta 7 cidades, as quais mais tarde também deverão possuir o seu templo (7 Templos, portanto, para o 8º, em São Lourenço), completando assim o Sistema Geográfico, análogo ao que existiu na Atlântida, submersa há um milhão de anos e cujo resto, a Ilha de Poseidonis, desapareceu há 9.000 anos..."

Em setembro de 1956 a STB anunciou oficialmente pela imprensa "que a partir do dia 29 do corrente mês não mais receberá adultos nas suas fileiras". A partir, pois, do dia 29 de setembro de 1956, a STB resolveu cessar as conferências públicas para canalizar tôdas as suas atividades em prol da infância. Por quê? Porque "chegou o fim do Ciclo Definidor dos Destinos Humanos": o ano de 1956 foi o "ano do Julgamento da Humanidade" e só os menores de 21 anos estavam isentos do Julgamento. Mas, fazendo uma exceção, no dia 26 de janeiro de 1957, abriram-se outra vez as portas daquele templo e a prof. Marta Queirós proferiu importante conferência. E declarou diante daqueles graves teósofos de São Lourenço:

"Processou-se, enfim, em 1956 — data não arbitrária, mas que traz em si o sêlo duma determinação superior — o grande Julgamento dum final de ciclo, para iniciar outro. Talvez, vós, meus caros ouvintes, não acrediteis no que vos contamos hoje; talvez por achardes que acontecimento dessa gravidade deveria ser anunciado por um super-majestoso Arcanjo, rodeado de nuvens e de querubins, esplendorosos de fulgor, com uma troni-troante trombeta que fizesse tremer céus e terras e que permitisse a todos os sêres da terra, ouvi-lo duma vez só, em indescritível pavor ou inexcusável bem-aventurança. E, em vez dessa maravilha celes-

te, uma pobre mortal, igualzinha ou pior que qualquer de vós, é quem está afirmando, e convicta, tamanha novidade. Perdoai-nos a desilusão, mas é mesmo de nossa bôca modestamente humana e imperfeita que ouvireis o resto da história que temos para vos contar. Assim, em junho (?) de 1956 a STB cerrou suas portas aos adultos, parou os apelos que já não tinham mais cabimento, cessou os avisos coletivos e aguardou, com a realização do Julgamento, que no silêncio dos corações se fizesse ouvir a Voz de Deus". E depois: "Os homens foram julgados e essa verdade começará a se fazer sentir neste ano de 1957, denominado pela STB de Ano Definidor. Ou a definição se faz no sentido evolucionar, de colaboração com a Lei portanto, ou contra ela, recuando os seres..." E pelo fim da apocalíptica conferência o porta-voz do Sr. J. H. de Sousa e da STB pergunta: "Podereis argüir-nos: Mas como sabeis de tôdas essas coisas? como podereis prová-las? Já vos dissemos de início que a STB ensina aos seus membros essas e muitas outras coisas. Como prová-las? Por um raciocínio lógico construído à base dos conhecimentos que recebemos. De quem os recebemos? De dois Sêres, a quem respeitamos, humanos na aparência exterior, misteriosos em sua complexidade interior. Sêres que representam o Amor e a Sabedoria Divinos, e que vêm, à custa de sacrifícios de tôdas as espécies, indicando-nos — não impondo — o caminho pelo qual poderemos chegar à imortalidade, à perfeição, ao equilíbrio. Sêres que, por se completarem em seu trabalho gigantesco e ainda desconhecido, são denominados de Gêmeos Espirituais. São Eles, que, *portadores da revelação Divina, na presente etapa*, conosco convivem e por nós sofrem, presos à contingência da matéria, tão ou mais dolorosa que a momentânea Cruz de Cristo, pois seus sofrimentos e dores, lutas e perseguições, têm sido permanentes, desde a hora do nascimento para a face da terra. Seu papel é preparar o caminho para a vinda do Avatara Maitreia como integral manifestação da Divindade em Pai, Mãe e Filho".

Os tão enaltecidos "dois Sêres" e que seriam os "portadores da revelação Divina na presente etapa" são simplesmente o Sr. Henrique José de Sousa e a Sra. Helena Jefferson de Sousa. Blavatsky aprendeu sua sabedoria apenas com os imaginados Mahatmas da Índia, estudando com eles em vastas bibliotecas

subterrâneas e em constantes exercícios ascéticos; mas nossos ditos “Gêmeos Espirituais” de São Lourenço entraram em contacto direto com a Divindade, podendo apresentar-se como portadores não já dos ensinamentos dos Mahatmas ou Adeptos, mas da própria Revelação Divina... Acertadamente profetizou o Apóstolo: “Virá tempo em que acharão insuportável a sã doutrina e, levados pelo prurido de ouvir, acrescentarão mestres sôbre mestres, a seu capricho e talante, apartando os ouvidos da verdade e voltando-se para as fábulas” (2 Tim 4, 3-4).

Com efeito, o Iluminado Teósofo de São Lourenço não deixou de ter seus discípulos e seguidores: Sociedades filiadas à STB, chamadas também “Ramas”, abriram-se nas seguintes cidades:

Rio de Janeiro, Instituto Hermes.

São Paulo, Sociedade Cultural e Espiritualista Cruzeiro do Sul.

Recife, Rama Cristóvão Colombo.

Belém, Instituto Teosófico Hilarião.

Belo Horizonte, Rama Maria.

Curitiba, Rama Serapis.

Niterói, Rama Kut-Humi.

Campinas, Sub-Rama Roso de Luna.

Santo André, Sub-Rama de Santo André.

Santarém, Pará.

IV. Crítica da Teosofia e de sua Doutrina

Pedimos vênia ao Pe. M. Cerdá, S. J., para reproduzir neste quarto parágrafo parte da excelente conferência por êle pronunciada em São Paulo, em 1935. Pois não poderíamos compendiar melhor em poucos pontos uma sã e justa crítica da Teosofia e de suas doutrinas. São, pois, do Pe. Cerdá os dois itens que seguem. Acrescentaremos algumas considerações sôbre a lei do Karma.

a) Observações sôbre a Teosofia

1) *A sua história não favorece os teósofos.* — Tal é a impressão geral, que recolhe o leitor imparcial e prudente, da origem e desenvolvimento da Sociedade Teosófica. Poderão ser verdadeiras as suas doutrinas, mas a vida de seus fundadores e organizadores principais dá muito que pensar. E' que, tratando-se de doutrinas religiosas e morais, a moralidade, boa ou má de seus autores, é de grande importância. Como podem ser mestres da humanidade, os depositários das verdades essenciais e necessárias à vida humana, uma Blavatsky declarada oficialmente uma "impostora", sem pudor e moderação nas suas coisas, amiga de fraudes por sistema; uma A. Besant, não menos amiga de embustes que a sua mestra, anarquista na sua juventude e defensora do malthusianismo; um Olcott, a quem a Blavatsky a cada passo brindava com o epíteto de "burro"; um Leadbeater cujos métodos educativos já vimos como foram qualificados pelos tribunais. Por isso, diz R. Guénon que a história da Teosofia é a sua melhor refutação.

2) *E' perfeitamente inútil.* — Porque, conforme A. Besant, não faltam ao Teosofismo "ensinamentos e práticas (as exotéricas e vulgares) que qualquer mediana pode compreender e aplicar, mas outras (as esotéricas e propriamente teosóficas) são tão sublimes, que compreender todo o seu alcance, hoje é impossível a todos os homens, estando ainda a flor da humanidade (os anglo-saxônios e norte-americanos), no *quinto subplano do quinto plano!* Talvez os indivíduos da sexta raça poderão compreender verdades excelsas. Mas nem sequer êles o poderão. Tal sorte é exclusiva dos Mahâtâmâs; um Rishi, um Buda, que voam já pelas esferas divinas". Pois então, por que

tanto empenho em propagar e vulgarizar doutrinas incompreensíveis a tôdas as gerações atuais?

3) *E' irracional.* — Afirmar que o conhecimento das verdades essenciais ao gênero humano e à sua vida moral, social e religiosa, excede a capacidade de quase tôda a humanidade e é privilégio exclusivo de alguns escolhidos, além de ser injúria à sabedoria do Criador, é uma presunção tão pedante como intolerável. E réus dêsse orgulho são todos os esoterismos e ocultismos. Por isso sábios eminentes afirmam, e com fundamento, que nunca existiu o esoterismo búdico que invocam os teosofistas. Pelo menos cristianismo esotérico nunca se conheceu senão nos escritos dos hereges gnósticos e dos seus sequazes, os teósofos da última hora. Neste ponto não pode falar mais claro Jesus Cristo: “Eu tenho falado públicamente ao mundo. Eu tenho sempre ensinado na sinagoga e no templo aonde acodem todos os judeus. Nada tenho dito em segredo” (Jo 18, 20). O qual não quer dizer que o mesmo que ensinava às multidões não o pudesse repetir o Divino Mestre em segredo, e a pessoas particulares, como a Nicodemos, cujo diálogo com o Salvador, feito *público* por S. João, costumam aduzir os teósofos para provar o seu esoterismo cristão.

4) *E' gratuito.* — Pelo fato de uma instituição apresentar a seus membros doutrinas incompreensíveis à razão humana, esta não perde os seus direitos. Pode e deve, mesmo em se tratando do Cristianismo, exigir que êsses mistérios que se lhe propõem: primeiro, que não se oponham às leis absolutas do pensamento; segundo, que apresentem suas credenciais ou motivos externos de credibilidade. Êsses motivos e credenciais, e base de todo esoterismo teosófico, são as revelações dos “mahâtmãs”, com as quais são mi-

moseados os diretores passados e presentes e o serão os futuros do Teosofismo: a Blavatsky, A. Besant, Olcott, etc. Ora, semelhantes “mahâtâmâs” existem só na imaginação dos teosofistas, e as mensagens mahâtâmicas se recebiam no meio de embustes e fraudes das sessões espíritas e uma delas foi um plágio de um discurso pronunciado na América do Norte.

5) *Está longe de ser original.* — Basta achar-se um tanto familiarizado com a história da filosofia ou das religiões, para que, ao percorrer aquelas páginas daquele oceano de erudição indigesta que se intitula *A Doutrina Secreta* e é “a obra melhor do Teosofismo” (Leadbeater), para que instintivamente lhe venha aos lábios a frase: “isto já o tenho lido”. Se bem se examina o Teosofismo, é um amálgama, às vezes grandioso e sugestivo pela forma externa, às vezes amolante e soporífero, em que entram em partes desiguais: teorias, conceitos, e, em modo especial, fraseologia do bramismo, budismo e outras literaturas orientais, o simbolismo da Cabala, algo do pseudomisticismo dos neoplatônicos, de Böhme, conceitos e teorias do Ocultismo, fundido e amassado tudo ao calor de umas imaginações engenhosas e *desbocadas*. Dizer que debaixo da cortiça externa desses elementos, respigados em campos tão distantes e heterogêneos, se oculta uma verdade recôndita, manifestada unicamente aos adeptos e mestres da sociedade Teosófica, é uma afirmação que não podemos admitir.

b) Crítica da Doutrina Teosófica

1) *O Deus dos teósofos é uma quimera.* — Os partidários da teosofia consideram as coisas através de Deus. Di-lo o seu mesmo nome: Teosofia, sabedoria ou conhecimento divino. Em todos os episó-

dios do grande drama cósmico e antropológico, Deus intervém como protagonista, como único agente. Deus é a fonte da vida; a base e pedestal de todo o universo. Essa idéia de Deus não pode estar em pé, é um absurdo. Porque por uma parte é ilimitado e limitado, por outra é infinito e finito. Compreende-se que, se o Infinito produz algo fora de si e distinto de si, êste algo necessariamente deve ser finito, porque dois infinitos repugnam. Mas que o infinito ponha em seu seio limites, vale tanto quanto afirmar a quadratura do círculo.

2) *O seu panteísmo é duas vêzes absurdo.* — Porque aos absurdos do panteísmo em geral, como são a pluralidade de substâncias autômatas no mundo, identificar o espírito e a matéria, o extenso e o inextenso, a vida e a inércia, o necessário e o contingente, etc., juntam todos os absurdos do idealismo, materialismo e pampsiquismo. Com efeito, a concepção teosófica do universo não é um panteísmo simples, mas composto, isto é, que, conforme o ponto de vista, é ao mesmo tempo idealista, animista e materialista. E' idealista, porque assim os sêres todos permanentes (minerais, plantas, animais e homens) como os acontecimentos de tôdas as ordens (físicos, químicos, biológicos, psíquicos, morais, etc) que naquelles se verificam são outras tantas modificações duma consciência, a do Grande Logos ou Ishara... E as modificações de uma mesma consciência não se compreende que possam ser outra coisa senão idéias, pensamentos, representações, mais ou menos intensas. Além disso, Maya não outra coisa senão o resíduo, a representação mnemônica dos Manvantaras anteriores. E por outro lado, o universo não é mais do que a ampliação dêsse mesmo Maya. Logo, pura re-

apresentação, pura idéia. Assim o mundo extenso e material é pura ilusão.

Mas por outra parte, como reduzir a puros conceitos êsses planos do Cosmos, que se nos descrevem como “extensos” e de “diversa densidade”; essas formas, que ao atravessarem, descendo, os diversos planos, tomam dêles não já objetos intencionais que representem, mas seus elementos constitutivos? Como se nos diz que êsses planos e formas se identificam com o Infinito, porque são só modalidades suas, como o é o mesmo Ishara; não é verdade que nos sentimos tentados de crer que êsse Infinito, êsse Uno incognoscível é a nebulosa caótica do monismo materialista?

Mas como essas mesmas formas trazem no seu bôjo amplas mônadas, que são como o coração e a alma de todos os sêres, mais ainda, como as mesmas formas e os átomos de que se compõem, e tudo, mesmo o ínfimo mineral vive, isto é, vegeta, sente e tem consciência mais ou menos reduzida, não poderíamos dizer com tôda verdade que o panteísmo teosófico é, desde êste ou outros pontos de vista, animista e pampsiquista? Por isso podemos afirmar que a “cosmogênese” teosófica do mundo é um panteísmo sincrético em grau superlativo e por isso duas vêzes incoerente e contraditório.

3) *A evolução teosófica nada explica.* — Porque nela o fator principal e causa de todos os sêres é a “Vibração”. Tudo enche esta palavra. O universo é um conjunto de vibrações. E esta palavra será harmoniosa e sugestiva quanto se quiser, mas não por isso menos inepta para explicar a origem dos sêres. Que coisa poderá ser a vibração de um ser espiritual, como é a consciência? E depois, Vibração, ou é uma palavra sem sentido, ou não é mais do que uma clas-

se de movimento local, como o oscilatório, etc, isto é, transporte, mudança de posição de um ponto ou corpo material. Tõda vibração, pois, em fôrça da sua mesma definição, *supõe, não produz*, o ser material que modifica e muito menos explica a vida, que não é, não pode ser, no sistema teosófico, mais do que o poder de emitir vibrações. De modo que o universo é um conjunto de vibrações. E a causa delas qual é? — A vida. E a causa da vida? — O poder de vibrar. E' inútil procurar no sistema razões explicativas.

4) *A reencarnação é gratuita e absurda.* — Para a imensa maioria dos teósofos, incapazes de compreenderem as especulações da evolução panteísta, o Teosofismo fica reduzido ao dogma da reencarnação ou metempsicose. Ora um tal dogma, cem vêzes eliminado da sã filosofia, os teósofos não o provam de modo algum. O seu argumento principal é que o homem, para alcançar seu fim, não tem bastante com mesquinho espaço de uma vida, mas deve evolucio-
nar durante séculos e séculos. Para que o argumento concluísse, os teósofos deveriam provar: 1.º, que o fim último, como êles dizem, é "conseguir uma consciência clara da sua identidade com Deus", fim tão absurdo como o panteísmo em que se funda; 2.º, deveriam provar que a sua sonhada evolução é um fato.

Aduzem o fato experimental das desigualdades físicas e morais do gênero humano, as quais, sem o dogma das reencarnações humanas sucessivas, deixam a justiça divina numa posição pouco honrosa. O problema do mal, em que se abroquelam com êste argumento, derramando sofisticamente num quadro tõda a tinta negra espalhada pelo mundo, o problema do mal sempre deu que pensar aos espíritos reflexivos. Prescindindo agora da solução católica, que

gira como sôbre dois pólos, sôbre a liberdade do homem e o pecado original, o certo é que o teosofismo não resolve o problema. Com efeito, quando as mônadas humanas se encarnaram pela vez primeira, eram iguais ou desiguais? Se iguais, como os veículos animais a que se uniram, resultados de uma evolução uniforme e contínua, eram também iguais, segue-se que cada homem nessa longa série de existências, tem sido ou será o que todos os demais homens, teve todos os vícios e as virtudes, tôda a ciência e idiotice, tôda a grandeza e pequenez física e moral de tôdas as gerações. Todos serão tudo. Porque apelar para a liberdade, para explicar as diferenças, não o pode fazer lógicamente um sistema materialista. Se nos disserem que as mônadas humanas foram desiguais desde a sua primeira encarnação, a quem se deverá atribuir essa desigualdade, senão a Mahadeva, que as formou, como êles asseguram, para não aparecerem darwinistas?

Além disso, a mônada humana, que acaba de encarnar-se por primeira vez, desprovida como está de tôda experiência, fonte única de suas idéias diretrizes e morais, não pode ser responsável de seus atos, como a criança antes do uso da razão. E contudo, desde então, contrai o seu primeiro "Karma", padrão e modêlo de todos os "Karmas" sucessivos. A quem se deve imputar êsse primeiro "Karma"? Porventura não será o homem obrigado a expiar atos de que não foi responsável? Não provam pois a sua tese os teósofos. Por outro lado, se quantos existimos no mundo temos vivido já outras vidas, por que nem um só sequer conserva pelo menos uma idéia vaga das mais recentes existências, nem sequer nos momentos de hipernésia dos histéricos e hipnotizados? Finalmente pode ser verdadeira uma teoria que sanciona to-

dos os crimes? Conforme esta teoria, tu, que me estás lendo, és um homem virtuoso, um ancião, enriquecido com a experiência de cem vidas passadas; eu, criminoso, começo a percorrer o ciclo da minha evolução. Se as minhas ações são criminosas, é porque me acomodo necessariamente ao grau da minha evolução. Sou um *Eu* que começa. Mais tarde serei melhor, sem correções nem castigos. Não vos assiste, pois, o direito de me castigar. Para mim sobeja a justiça. *

5) *A moral teosófica*. — Os teósofos, se fôsem lógicos, deveriam ser *amorais*. Porque sem liberdade de indiferença, incompatível por outra parte com o materialismo e fatalismo teosóficos, sem um Deus pessoal, fonte de tôda moralidade, e sem uma sanção *suficiente* para as boas e más obras, é impossível falar de atos humanos, de leis de direitos ou deveres do homem. Novo argumento da falsidade de suas doutrinas. Cedendo contudo ao impulso do sentido comum, mais poderoso nêles que a lógica, não temem contradizer-se e nos ponderam a elevação da sua moral. Não negamos que muitos de seus preceitos e máximas têm certa elevação e nobreza. Mas é porque são plagiadas do Budismo, ou de outras filosofias antigas e modernas, especialmente do estoicismo e do Kantismo. Além de que o seu tão cacarejado altruísmo humanitário, pelo exagerado e até ridículo em certas ocasiões, e pelo enregelado naturalismo que corre em suas veias, jamais será outra coisa senão uma caricatura da caridade cristã. Finalmente se opõe diametralmente à moral do Cristianismo, quando rejeita

*) Mais extensas considerações sôbre a pluralidade das existências e a lei do Karma, veja no caderno n.º 8 desta mesma coleção: *A Reencarnação, Exposição e Crítica*, com 123 pp. Editôra Vozes Ltda., Petrópolis, R. J.

como imoral e impossível até a simples noção da oração a Deus, da graça, da redenção expiatória e do perdão dos pecados. Para êles a salvação do homem é negócio exclusivo do indivíduo.

6) *Conclusão.* — A razão de que se possam professar semelhantes doutrinas está na profunda ignorância religiosa que reina por tôda a parte, na inclinação que em todos os tempos manifestou o gênero humano ao que se apresenta encoberto com o véu do mistério e do maravilhoso, e na imperiosa necessidade de encher êsse vácuo isondável do coração humano, produzido pela consideração da própria pequenez, incapaz de alcançar com os próprios recursos a supervivência no além-campa, que o instinto da própria conservação a cada instante lhe põe diante dos olhos.

Apraz-me terminar com algumas considerações de Balmes (*El Protestantismo*, l. 1, c. 7) “Mais alucinado às vêzes que sedutor, o miserável maníaco chega talvez a persuadir-se profundamente de que são verdadeiras as suas doutrinas e de que ouviu a palavra do céu, e apresentando na linguagem truculenta da demência algo de singular e extraordinário, transmite a seus ouvintes uma parte da sua loucura e adquire em breve tempo um número considerável de adeptos. Não são muitos os capazes de representar o primeiro papel na cena da loucura, mas infelizmente os homens são demasiado insensatos para deixar-se comboiar pelo primeiro que se arremesse a acoметer a emprêsa, pois que a experiência e a história fartamente nos têm ensinado, que para fascinar um grande número de homens, basta uma palavra, e, para formar um partido, por malvado, por extravagante, por ridículo que seja, nada mais é preciso do que levantar uma bandeira”.

c) Observações sôbre a Lei do Karma

Os reencarnacionistas de tôdas as escolas falam muito daquilo que êles chamam de "lei do Karma". Seria a aplicação da lei da causalidade física ao mundo moral. Cada ação do homem, durante a vida terrestre ou a encarnação, seria como que uma causa que terá inevitavelmente seu efeito ou na outra encarnação ou na vida intermediária entre as reencarnações (tempo ao qual os teosofistas dão o nome de Devachan e que, segundo alguns, duraria 1.500 anos). O Karma seria, pois, "a lei sem exceção, que rege o universo inteiro, desde o átomo invisível e imponderável até os astros; e esta lei consiste em que tôda causa produz seu efeito, sem que nada possa impedir ou desviar o efeito, uma vez posta a causa". Esta lei é "cega, automática e não inteligente", exatamente como as leis físicas. O que se faz está feito e terá inevitavelmente suas conseqüências, sem possibilidade de perdão, nem de redenção, nem de indulgência.

Em tôrno desta lei, princípio básico da filosofia teosófica, faremos as seguintes considerações críticas:

1) *A lei do Karma de fato não nos faz progredir na senda da perfeição.* — E' um jôgo constante de vaivém. A ação produz reação; a reação reclama nova ação; a nova ação outra reação; e assim indefinidamente. João matou Paulo. Na próxima reencarnação João deverá sofrer morte violenta: há de haver, portanto, quem o mate; êste alguém, por sua vez, na encarnação seguinte, deverá encontrar outro assassino; e assim por diante. E a isso chamam de progresso. Progresso, sim; mas horroroso progresso na senda do crime.

2) *A lei do Karma leva a absurdos:* E' um fato universal, em que os próprios teósofos e reencarna-

cionistas insistem, que não há pessoa sem seus sofrimentos e dores, sem aflições e contrariedades; quase todos somos vítimas de ingratidão e traição, de injustiças e calúnias, etc. Deveriam, pois, os defensores do Karma sustentar que todos, absolutamente todos, fomos, em vidas anteriores, homens ingratos e traidores, injustos e ladrões, criminosos e tiranos, porquanto tôdas estas calamidades que agora sofremos, seriam apenas reações exata e matematicamente equivalentes à conduta de nossa vida anterior. O absurdo será mais evidente ainda se considerarmos a vida de Cristo, de Maria Santíssima, dos Apóstolos, dos grandes Mártires e dos Santos em geral, pois que, todos êles, à imitação de Cristo, sofreram em grau heróico. De acôrdo com as inevitáveis leis do Karma, teríamos que Cristo, o Rei dos Mártires, e Maria, a Rainha das Dores, devem ter sido em vidas anteriores dos maiores criminosos de que há memória. . . Absurdos inadmissíveis.

3) *A lei do Karma é injusta.* — Ela nos faz sofrer por culpas de que não temos a menor idéia. Castigos de que crimes? Por que motivo somos tão duramente punidos? Qual o pecado que devemos expiar? E ficamos a sofrer castigos e mais castigos, em longas e intermináveis séries de reencarnações, sem ao menos saber por quê. Tirania sem nome! A elementar justiça humana exige que o réu castigado saiba por que é punido. O bom-senso revolta-se contra um castigo que nos é infligido sem têmos a menor idéia de alguma culpa cometida. Nem mesmo os sêres irracionais são punidos assim, porque também nêles procura-se associar quanto possível o castigo ao êrro cometido.

4) *A lei do Karma é fatalista:* Uma vez praticada a ação, não há mais remédio. E' esperar a reação do efeito inevitável. E' impossível fugir. Não haverá nem arrependimento, nem esforço que possa contornar o

feito. E' fatal. Não há liberdade. A liberdade é apenas aparente.

5) *A lei do Karma nega a bondade e a misericórdia de Deus.* — A fundadora da Teosofia, Sra. Blavatsky, é conseqüente quando escreve em sua Introdução à Teosofia o seguinte: “Nós não cremos nem num sacrifício propiciatório, nem na possibilidade do perdão do mais insignificante pecado, por meio de qualquer Deus... Nós cremos numa justiça rigorosa, imparcial... que não pode sentir nem ira, nem compaixão, mas que age com eqüidade absoluta, deixando que cada coisa, grande ou pequena, produza suas conseqüências inevitáveis”. Neste sistema não há lugar para Cristo, o Redentor, nem para os sacramentos da Igreja...

E, assim, a lei do Karma é pagã, anticristã.

V. As Sociedades Teosóficas e a Igreja

Não são, pois, necessários profundos conhecimentos filosóficos ou teológicos para verificar que há oposição total entre as arbitrarias fantasias dos teósofos e a mensagem cristã e que, por conseguinte, o teósofo deixou de ser cristão e o cristão não pode afiliar-se à Teosofia. Basta lembrar as grandes linhas que caracterizam o pensamento teosófico: panteísmo, evolucionismo monista, cristologia fantástica e reencarnacionismo. Como os espíritas, esoteristas, maçons, e rosacrucianos, também os teósofos propalam que eles não são contra nenhuma religião, mas ao mesmo tempo propagam as idéias mais diametralmente contrárias à doutrina cristã. A propaganda teosófica sustenta que o católico, para ser bom teósofo, pode continuar bom católico, mas ao mesmo tempo lhe faz saber que a Santíssima Trindade são apenas “três as-

pectos” da Divindade; que Jesus Cristo não passa de um mahatma ou Adepto do Reino Super-humano, que vive no Plano Búdico e desceu a êste Plano Físico para ser um dos Instrutores dêste Mundo, ao lado de Confúcio, Buda, e Krishna. . . ; que o homem está sujeito à fatal e inevitável “lei do Karma”, sem possibilidade de perdão ou redenção: “Nós — escreve a Sra. Blavatsky em sua *Introdução à Teosofia* — nós não cremos nem num sacrificio propiciatório, nem na possibilidade do perdão do mais insignificante pecado, por meio de qualquer Deus. . . Nós cremos numa justiça rigorosa, imparcial. . . que não pode sentir nem ira nem compaixão, mas que age com eqüidade absoluta, deixando que cada coisa, grande ou pequena, produza suas conseqüências inevitáveis”. Redenção, graça, sacramentos, Igreja — tudo se torna perfeitamente supérfluo e impossível no sistema teosófico. Não obstante continua a propaganda dos teósofos a bater na gasta tecla: “Não somos contra nenhuma religião; e o católico pode continuar em sua religião e ser bom teósofo. . .” Diante desta insistente e irritante popaganda, a Santa Sé viu-se obrigada a intervir com uma declaração oficial, feita em 1919, nos seguintes têrmos:

“Na reunião plenária dos Eminentíssimos e Reverendíssimos Cardeais Inquisidores das questões de fé e de costumes, foi proposta a seguinte dúvida: Se as doutrinas hoje denominadas teosóficas podem conciliar-se com a doutrina católica e, portanto, se é lícito afiliar-se às Sociedades Teosóficas, assistir às suas reuniões, ler seus livros, revistas, diários e outras publicações. — Os mesmos Reverendíssimos Cardeais, tendo pedido antes o voto dos Consultores, concordaram em responder o seguinte: *Negativamente a todas as perguntas*. E na quinta-feira, 17 do mesmo mês, nosso Santíssimo Padre Bento XV, por graça de Deus Sumo Pontífice, na audiência ordinária concedida ao Ilustríssimo Assessor do Santo Offício, conhecida a resolução tomada pe-

los Eminentíssimos Cardeais, aprovou-a e mandou que fôsse publicada. Dado em Roma, no Palácio do Santo Ofício, aos 8 de julho de 1919". — (A. A. S., 1919, p. 317; cf. Dz. 2189).

A Santa Sé, portanto declarou oficialmente:

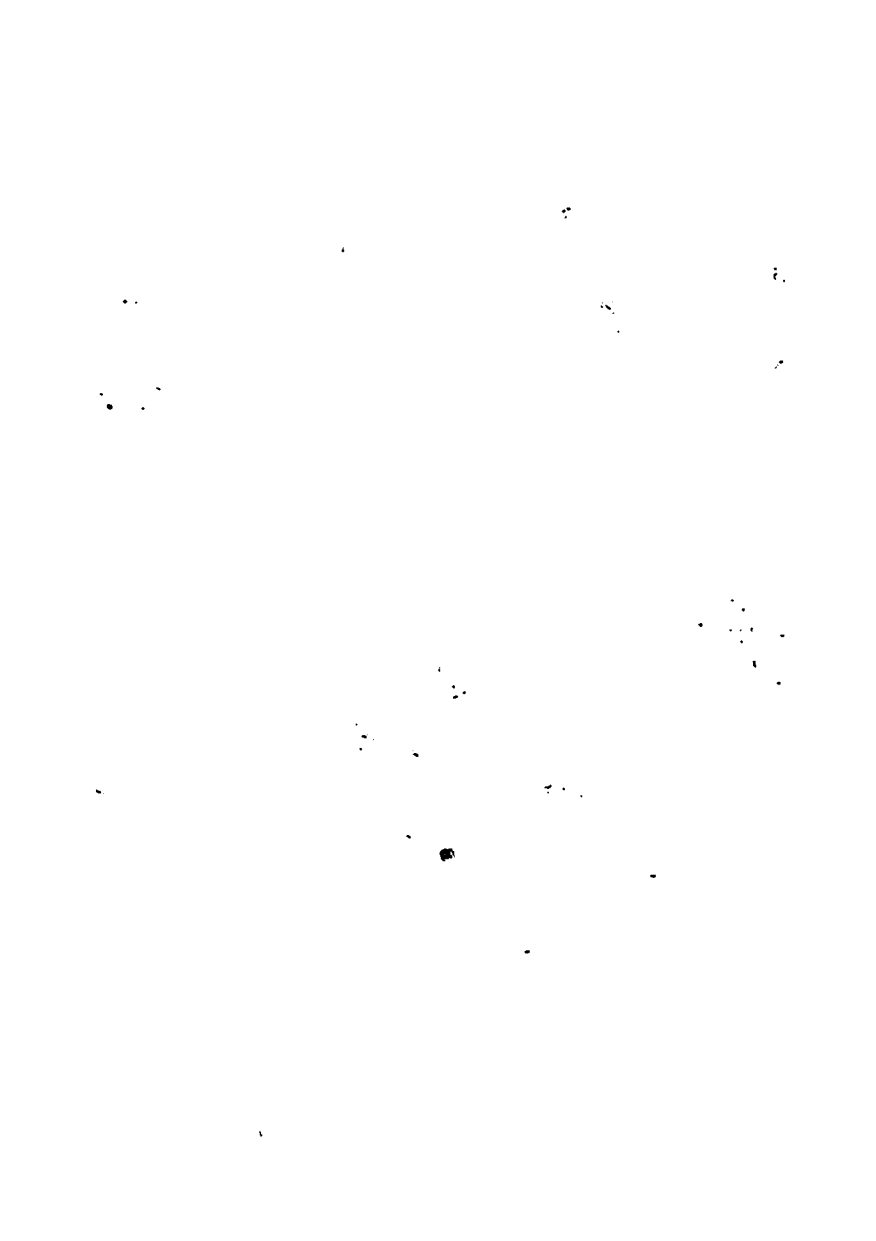
1) as doutrinas hoje denominadas teosóficas não podem conciliar-se com a doutrina católica ("componi non possunt cum doctrina catholica");

2) não é lícito ao católico afiliar-se às Sociedades Teosóficas;

3) não é lícito assistir às reuniões dos teósofos;

4) não é lícito ler livros, revistas, diários ou outras publicações teosofistas.

As Sociedades Teosóficas se apresentam como movimentos organizados, com fins religiosos e numerosas doutrinas heréticas e pagãs. Por isso seus associados devem ser considerados como membros de seitas acatólicas ou heréticas, são verdadeiramente hereges e como tais devem ser tratados. O católico que se associa a qualquer sociedade, loja ou rama dos teósofos, desliga-se ipso facto da Igreja e perde todos os direitos dos fiéis na comunidade cristã: E' herege e incorreu na censura da excomunhão.



ÍNDICE

I. A Sociedade Teosófica Mundial	5
1) Origem da Sociedade Teosófica	6
2) Esboço dos principais ensinamentos da Teosofia	11
II. A Sociedade Teosófica no Brasil	14
III. A Sociedade Teosófica Brasileira	19
IV. Crítica da Teosofia e de sua Doutrina	23
a) Observações sôbre a Teosofia	24
1) A sua história não favorece os teósofos	24
2) E' perfeitamente inútil	24
3) E' irracional	25
4) E' gratuito	25
5) Está longe de ser original	26
b) Crítica da doutrina teosófica	26
1) O Deus dos teósofos é uma quimera	26
2) O seu panteísmo é duas vêzes absurdo	27
3) A evolução teosófica nada explica	28
4) A reencarnação é gratuita e absurda	29
5) A moral teosófica	31
6) Conclusão	32
c) Observações sôbre a Lei do Karma	33
V. As Sociedades teosóficas e a Igreja	35

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

116

117

4

4